

**Colectânea Alentejana**  
Organizada por Domingos Fialho Barreto  
**Livro nº 7**

**V E R S O S   E S C O L H I D O S**

**de**

**JOÃO CHOURIÇO PÁIAS**

**Edições Rocío**  
**1999**

<https://sites.google.com/view/edicoesrocio/home>

---

*Composição e impressão:*

**Victorart**

56 av de l'Equinoxe

1200 Bruxelles

tel 762 10 89

---

**Colectânea Alentejana**  
**Livro nº 7**

# **VERSOS ESCOLHIDOS**

de

**JOÃO CHOURIÇO PÁIAS**

\* \* \*

**Edições Rocío**  
**1999**





### **João Chouriço Páias**

"É lamentável que poetas como este não tenham sido cultivados na devida altura, tendo chegado não se sabe onde, pois, como autodidata, quem levou uma vida de esforço em trabalhos árduos, só uma grande alma poética e enorme força de vontade poderiam dispor de tempo para se entregar à poesia, e foi o que se deu no caso presente."

### **Colectânea Alentejana**

(organizada por Fialho Barreto)

- 1 - *Poesias Populares*, por Baltazar Carneirinho
- 2 - *Poesia Popular*, por José Gaspar Duro
- 3 - *Poesia e Prosa Poética*, por Pedro Baptista Acabado
- 4 - *Os Versos*, por Bento Maria Adega
- 5 - *Os Versos Populares*, por Manuel de Santo António
- 6 - *Seleccção de Versos*, por Zilda Candeias Varandas
- 7 - *Versos Escolhidos*, por João Chouriço Páias

---

## NOTA INTRODUTÓRIA

João Chouriço Páias nasceu na Póvoa de São Miguel, no ano de 1921.

Não irei fazer o seu *curriculum*, pois apenas seria antecipar-me ao que ele faz, no decurso deste livro, através de alguns dos seus versos.

Contudo, é bom lembrar ser lamentável que poetas como este, embora com a instrução primária, não tenham sido cultivados na devida altura, tendo chegado não se sabe onde, pois, como autodidata, quem levou uma vida de esforço em trabalhos árduos num meio rural, em época de opressão, obscurantismo e com responsabilidades de família pendentes exclusivamente dos seus braços, só uma grande alma poética e enorme força de vontade poderiam dispor de tempo, tirado do seu parco descanso, para se entregar à poesia, e foi o que se deu no caso presente.

Embora eu tenha conhecido o Autor nalguns Encontros de Poesia Popular em Vila Viçosa, Fronteira, Aljustrel, Odemira, Vila Nova de Mil Fontes, etc., os nossos contactos não foram além do *bom dia*, *boa tarde*.

Porém, agora que me propus seleccionar poetas e seus versos para a *Colectânea Alentejana*, é que o conhecimento de um pelo outro se tornou um facto, e sou em dizer que foi para mim uma surpresa o valor poético de João Chouriço Páias e, por tal, tenho imenso prazer em o incluir neste meu trabalho de recolha.

Faço notar que, nesta selecção dos seus versos, vão alguns poemas já publicados num livro editado pela Câmara Municipal de Moura, nalguns jornais ou simplesmente citados através da rádio ou nos Encontros de que falei. E, como não podia deixar de ser, alguns desses poemas já vêm melhorados por pequenas correcções.

Dizer sobre este poeta seria adiantar-me ao que o Leitor irá concluir de quanto aqui vai.

Apenas faço votos que a sua vida se prolongue, podendo aumentar o seu testemunho, sem equívocos confirmar o que é a cultura e poesia popular do Alentejo.

Amareleja, 1997  
**Domingos Fialho Barreto**

---

## **A MINHA BIOGRAFIA**

A minha biografia  
Vista à luz do dia  
Revela bem quem eu sou  
Sou um simples aldeano  
Andei à escola quatro anos  
Graças ao meu avô

No exame por qualquer razão  
Deram-me uma distinção  
E assim fiquei formado  
Não sei se fiz bem ou mal  
O meu pai era moiral  
Fui também guardar gado

Depois uns anos mais tarde  
Aos catorze anos de idade  
Deixei de ser moiral  
Como trabalhador honrado

Fui então condecorado  
Com o nome de rural

Cada qual faz como gosta  
Eu fui juntar lenha às costas  
Pra fazer carvão da brasa  
Como não fui militar  
Resolvi-me então casar  
E fui viver prà minha casa

Já depois de ser casado  
De repente fui atacado  
Por uma doença agressiva  
Não me tocaram o campanário  
Graças a um herbanário  
Senhor Frederico da Silva

Ainda mal restabelecido  
Passou-me pelo sentido  
De tirar um curso agreste  
O de podador de oliveiras  
Lá de qualquer das maneiras  
Fiquei classificado em mestre

Mas com medo ao desemprego  
Eu nunca tive sossego  
Andei sempre com invenções  
É vergonha que se diga  
Tive mais olhos que barriga  
Em arranjar profissões

Também fui horticultor  
E ainda fui lavrador  
Lavrei com bois e bestas  
Como o ordenado era baixo  
Nada disso me deu tacho  
Meti-me então a estafeta

Outra vez a decadência  
Empreguei então a ciência  
Em trabalho sofisticado  
Passei a mestre pedreiro  
Depois a carpinteiro  
E agora estou reformado

Só que a minha reforma  
É apenas uma forma  
De tapar algum buraco

Recebo todos os meses  
Não é sempre mas às vezes  
Dá para comprar tabaco

A pensão não dá prò prato  
Dedico-me ao artesanato  
Trabalho em verga e papel  
Dá pra mim e prà velha  
Faço colmeias para abelhas  
Estamos nadando em mel

Não sou forte na sintaxe  
Só tenho a quarta classe  
Muito embora bem sabida  
Até na ortografia  
Não tenho grande mestria  
O que se reflecte na vida

O meu nome verdadeiro  
Quando dito por inteiro  
É João Chouriço Páias  
Também feitos de carne sã  
Tenho um irmão e uma irmã  
Só que ela veste saias

Dizem não ser grande chouriço  
E eu concordo com isso  
Pois no porte sou baixinho  
Mas o que conta são os factos  
Alguns que se julgam mais altos  
Nem chegaram a toucinho

Há quem me chame poeta  
Por ser pessoa correcta  
Não mereço ser distinto  
Eu próprio reconheço  
Que é nome que não mereço  
Só por dizer o que sinto

---

## **A MINHA OFERTA**

Ofereço esta obra que foi feita  
Do repetido eco espiritual  
Não quero compensação material  
De frutos que são da minha colheita

Até agradeço a quem os aceita  
A aceitação é o essencial  
Porque é simbólico e original  
O pouco que daqui se aproveita

Embora seja insignificância  
Mas tudo o que de boa-fé é dado  
Reveste-se de certa importância

Não é obra para remir o pecado  
Se me perdoarem a ignorância  
Fico pago e muito bem pago

---

## **PODERES SOBERANOS**

— Natura que és rainha onnipotente  
Tão inabalável correcta e firme  
Fizeste um dos teus reinos tão sublime  
E fizeste um outro tão contundente

Se és de toda esta vida a regente  
Por que não deste a todos igual regime  
E mergulhaste o ser animal no crime  
Enquanto neste mundo for vivente?

— É porque os meus poderes soberanos  
Na Terra e nos Espaços Siderais  
Valem até à consumição dos anos

Mas leguei noutros mundos sobrenaturais  
Às complexas vidas dos seres humanos  
O que lhes transmito com exemplos e sinais

---

### **TENHO PENA DE SABER**

Os passarinhos alegres  
Têm penas mas são leves  
E com elas sobem altura  
Quem pesadas penas padece  
Em vez de subir desce  
Até à própria sepultura

A pena não passageira  
Leva uma vida inteira  
No pensamento enleada  
Não tenho pena de viver  
Mas tenho pena de saber  
De saber que não sei nada

Tenho pena de querer  
Ter pena e não ter  
Pena de ser assim  
Até mentira parece  
Ter pena de quem padece  
E não ter pena de mim

Quem disser só o que sente  
De certeza que não mente  
Eu sinto pena e alegria  
Sinto pena quanto minto  
E alegria quando sinto  
Que estou a fazer poesia

Tenho pena de saber  
Que não sou capaz de aprender

Embora mate o sentido  
E minha pena maior  
É saber que sei de cor  
O que não devia ter aprendido

As minhas penas pesadas  
Deixo-as aqui espalhadas  
Nas páginas deste livro  
Lê-o e arquiva-o bem  
Porque toda a gente tem  
Penas no seu arquivo

---

## **A LEI**

Se houver alguém que saiba definir  
Eu por mim confesso que não sei  
Por que é que os homens fazem a Lei  
E não fazem conta de a cumprir

O Mando esse pode transgredir  
Até o próprio majestoso Rei

Em nome da protecção da Grei  
Pode mandar matar e ferir

O Magistrado considera forte  
A lei pelos homens elaborada  
Para poder condená-los à morte

Só que essa lei não vale nada  
Perante aquela que nos faz a sorte  
À porta do Paraíso exarada

---

## **QUANDO O OLHAR TRANSMITE TERNURA**

O olhar é o impulso de um desejo  
Porque quem olha deseja contemplar  
Há quem olhe sorrindo para motejar  
Mas nos seus olhos não há motejo

É a clarividência de um lampejo  
Que por vezes nos permite ver sem olhar  
Eu falo contigo e abraço-te a sonhar

Porque até mesmo dormido te vejo

Quando o olhar transmite ternura  
E alegria que o coração sente  
Com laivos de paixão à mistura

Para trazerem o coração contente  
Os olhos andam sempre à procura  
Do que é belo para lhe dar de presente

---

## **QUALQUER POETA É DOUTOR**

*Qualquer poeta é doutor  
Se pra isso for ensinado  
Os doutores não podem fazer  
De poetas ensinados*

Quando o poeta nasceu  
Do ventre de sua mãe  
Nasceu com ele também  
A arte que Deus lhe deu

Seja cristão ou ateu  
Seja branco ou qualquer cor  
Pode ser seja quem for  
Deu-lhe Deus essa virtude  
E desde que para isso estude  
*Qualquer poeta é doutor*

Também lhe deu por dote  
Além da arte o talento  
Mas só lhe dão merecimento  
Para além da sua morte  
Porque é um reduto forte  
E por isso mais atacado  
E é por alguns odiado  
Mesmo sem lhes fazer mal  
Mas pode ser Papa ou Marechal  
*Se pra isso for ensinado*

Estuda-se vidas inteiras  
Pra doutores advogados  
Outros pra serem formados  
Em económicas e financeiras  
E há muitas maneiras  
De se comprar o saber

Mas há o que não pode ser  
Embora estudem pra reis  
Poesia à base de leis  
*Os doutores não podem fazer*

Temos que render homenagem  
Àqueles que são inventores  
Que vêm a ser professores  
Sem terem aprendizagem  
Aos heróis pela coragem  
Por que se tornam honrados  
Sem diplomas comprados  
Como há muitos no mundo  
O que não há é obras de fundo  
*De poetas ensinados*

---

## **CÃES QUE CAÇAM NA ESTRADA**

Há cães de vários tipos ou raça  
Há cães de luxo e cães de guarda  
Há cães para caçarem na estrada

São cães-lobos filhos da desgraça

Mas esses não pegam em toda a caça  
Quando farejam alguma peça grada  
Baixam as orelhas e encolhem a cauda  
Abrem caminho e o bicharoco passa

Se for podengo o chefe da matilha  
Com aquela presunção de aguerrido  
Transmite ordens aos outros da pandilha

Que reparem bem e tomem sentido  
Para que só ataquem a farrapilha  
E não se metam com o bem-vestido

---

## **O CONFORTO QUE ME DÁ A POESIA**

Fiz estes insípidos versos e chorei  
E outros no mesmo gosto sem chorar  
Embora sufocado por não respirar  
Os ares com que toda a vida sonhei

No probabilismo estático da lei  
Restou-me a esperança de alcançar  
Mas a opressão não consegui ultrapassar  
Foi assim que no abismo mergulhei

Sonhava alegremente em criança  
Porque a tristeza sonha alegria  
Sonhos repletos de boa esperança

E embora mergulhado em nostalgia  
Nunca cheguei a perder a esperança  
E conforto que me dá a poesia

---

## **UM LIMÃO CRIADO À MÍNGUA**

Correr a terra inteira  
Foi sempre o meu desejo  
Esbarrei numa *Oliveira\**  
Não passei do Alentejo

E jamais me desenrasco  
Porque deu o resultado  
Da oliveira ser carrasco  
E eu fiquei encarrascado

Vislumbrava nos horizontes  
A imagem da minha nau  
Fecharam-me portas e pontes  
Fiquei no segundo grau

Sonhava com um liceu  
E um curso superior  
Mas quanto me aconteceu  
Ter que aprender a pastor

Não bastou ver-me à rasca  
Plo meu pai ser pobrezinho  
Ainda a oliveira carrasca  
Me veio barrar o caminho

Quem se formou finalmente  
Em doutor ou engenheiro  
O que era inteligente  
Ou o que tinha dinheiro?

Durante mais de dez lustros  
Até Abril de setenta e quatro  
Não ganhei só para sustos  
Como os coelhos no mato

Com medo de ser salgado  
Não quis ir à Ilha do Sal  
Preferi ficar congelado  
Que apodrecer no Tarrafal

Passei a vida em apuro  
Com falta de respiração  
Mesmo respirando ar puro  
Asfixiei meu coração

Eu já pouco ou nada pesco  
Porque o meu fim será breve  
Mas esta lufada de ar fresco  
Ajuda-me a partir mais leve

Agora é que posso falar  
E dar ousadia à língua  
Mas que sumo pode dar

Um limão criado à míngua?

\* *Oliveira*, refere-se ao ditador Oliveira Salazar.

---

## **O BEM COM O MAL SE CRUZA**

Sonho que vejo as estrelas correndo  
E desenham uma enorme legenda  
As letras são de luz feitas em renda  
Formam palavras que não compreendo

Mesmo sem saber decifrar as vou lendo  
Embora sujeito a alguma emenda  
Talvez seja sonhando que se aprenda  
O que as estrelas nos vão dizendo

O que a nossa estrela escreveu  
Embora a escrita seja confusa  
São dados que o destino lhe forneceu

Mas como o bem com o mal se cruza

A estrela do desventurado ateu  
Estará na constelação de Medusa

---

## **NÃO MINTO QUANDO DESMINTO**

Esvoaça no ar o meu pensamento  
Mergulhado num confuso labirinto  
Entrelaçado no que vejo e sinto  
À revelia do meu sentimento

As qualidade e temperamento  
Da inconsciência do meu instinto  
Chegam para dizer que não minto  
Embora para isso me falte argumento

Não minto quando desminto o autor  
Que quer fazer de atrasado mental  
O resto do mundo seu opositor

Será a metafísica irracional  
Que o leva ao ponto de ser tão impostor

Que até se considera sobrenatural?

---

## **NA VAIDADE**

A pessoa que é vaidosa  
É bastante perigosa  
Em todos os campos e níveis  
Porque a vaidade tudo traz  
E às vezes até é capaz  
De cometer coisas horríveis

Nunca queiras ir além  
Onde não pode ir ninguém  
E não mostres altivez  
Não é por esse motivo  
De te mostrares altivo  
Que escondes a pequenez

Ser vaidoso ou impostor  
Tira-nos algum valor  
Mas ainda é mais infeliz

Aquele que é carrancudo  
Que mesmo sem ser surdo-mudo  
Fala sem ouvir o que diz

Quem se gaba de ser grande  
A sua pequenez expande  
Mas ainda se porta pior  
Quem pisa outro terreno  
Alcunhando-se de pequeno  
Para se fazer maior

A pessoa que é arrogante  
Perante o seu semelhante  
Tem menos valor que o pó  
Além de ser insolente  
Mete nojo à outra gente  
Dá pena e mete dó

Na vaidade e na modéstia  
Também existe a moléstia  
De haver rivalidade  
Pois ao cabo e ao resto  
Nenhum vaidoso é modesto  
E há modestos por vaidade

---

## DESDE QUE NO MUNDO HÁ POETAS

De noite acordo sonhando e choro  
Não é de tristeza nem de alegria  
É porque dormido sonho com fantasia  
E acordado com o que mais adoro

No pranto dos meus sonhos imploro  
Que me valha a bendita luz do dia  
A interpretar a essência da poesia  
Mistério que eu ainda ignoro

Sonhando acordado pergunto também  
Mas só posso fazer perguntas destas  
À minha consciência e a mais ninguém

Pergunto desde quando é que há patetas  
Interrogo-me a mim e responde alguém:  
— É desde que no mundo há poetas

---

## HERÓI DESMEDIDO

Neste engenhoso mundo turbulento  
O inventor que teve a melhor invenção  
Foi o que inventou o fabrico do pão  
Fez as *penas*\* e descobriu o fermento

Mobilizou a água calor e vento  
Pra limpar secar e triturar o grão  
Sem vir ao mundo qualquer poluição  
Originada pelo seu belo invento

Lutou com o sol no solo da eira  
De forquilha em riste e decidido  
Também enfrentou a aragem traiçoeira

Este cientista foi o herói desmedido  
Que conseguiu passar a grande barreira  
Que vai do granjear ao pão cozido

\* *Penas*, peças que fazem o rodísio das azenhas.

---

## APRENDER ATÉ MORRER

*De aprender até morrer  
Qualquer pessoa é capaz  
É muito bonito o saber  
Além da falta que faz*

O saber é um recheio  
Que não nos pesa na mente  
E até ajuda a gente  
A viver com mais recreio  
É um fundo de maneio  
Dependente do nosso querer  
E foi imposto pelo dever  
A qualquer mestre de ofício  
De fazer o sacrifício  
*De aprender até morrer*

O saber não tem partilha  
Nem herdeiros universais

O saber além de mais  
É sempre uma maravilha  
Quanto mais se usa mais brilha  
E esse brilho que nos traz  
A luz que não volta atrás  
A não ser por causa justa  
E aprender à sua custa  
*Qualquer pessoa é capaz*

O saber é campeão  
Vence tudo sem lutar  
Onde quer que ele chegar  
Derrota logo a confusão  
E não lhe concede perdão  
Tem que à força vencer  
E não se deixe de dizer  
Que ele tem a sua maldade  
Mas em abono da verdade  
*É muito bonito saber*

Ele não ocupa lugar  
O saber anda disperso  
Espalhado no Universo  
E ninguém o pode juntar

Escusado será experimentar  
Tanto às boas como às más  
Não tem amo nem capataz  
E só ele tem essa dita  
Mas é uma prenda bonita  
*Além da falta que faz*

---

## **LUZ BENDITA**

A luz da poesia e do romance  
Brota para todos da mesma fonte  
É clarividência que anda a monte  
E não dá a todos a mesma *chance*

Eu vislumbro-a num olhar de relance  
Para lá da linha do meu horizonte  
Mas fica além de mim tão distante  
Que a julgo fora do meu alcance

Quem interpreta o que sonhando vê  
Tem na sua memória uma escrita

Que até mesmo dormindo a lê

Tal luz é virtude e prenda bonita  
Portanto roguemos a Deus que nos dê  
A fulgência dessa luz bendita

---

### **CHAGA QUE NÃO CURA**

Calhou-me a ser dos burros o maior  
Sem albarda carregando lenha dura  
Rasgando a pele que dava em matadura  
E encharcado em imundície e suor

Mas de todas as feridas a pior  
É a que nos rasga a alma de tortura  
Chaga que cicatriza mas não cura  
Pois debaixo da cicatriz fica a dor

Era o ditoso saco sujo e vazio  
Que nos fazia por vezes de gabão  
Quando chovia ou fazia muito frio

Mas só usado às escondidas do patrão  
Pois se ele roubava era apenas um desvio  
E quem usava um saco ficava por ladrão\*

\* *Usar um saco*, utilizar um saco vazio, que era do patrão, para se cobrir.

---

## A SOLIDÃO

Ó solidão não voltes  
As costas ao solitário  
Para servires de suporte  
À cruz do seu calvário

A solidão é forte  
Do isolado em liberdade  
Medita na vida e morte  
Fala para si a verdade

A solidão dá guarida  
À tristeza e alegria

E pode encher a vida  
De qualquer alma vazia

A solidão é capaz  
De tudo nos pôr a fazer  
Faz-nos sonhar com a paz  
Faz-nos sentir o dever

Do convívio poluído  
É que a solidão nos tira  
Por esse estar resumido  
À vaidade e à mentira

Não sinto nem vejo mal  
No viver em comunhão  
Mas ao convívio social  
Eu prefiro a solidão

---

## **A JANELA DOS NOSSOS HORIZONTES**

Diz aos teus filhos que tudo é seu

E não alimentem falsas ilusões  
Gatinhando no espaço aos apalpões  
Sem saberem para que lado é o Céu

Não é voando no ar de déu em déu  
Que curam as chagas das suas paixões  
Porque nesta vida não há foguetões  
Que atinjam ou vislumbrem o apogeu

Não os deixes andar feitos errantes  
Gravitando no vazio e às escuras  
Fazendo a triste figura de ignorantes

Diz-lhes que não precisam subir alturas  
Porque a janela dos seus horizontes  
Está cá em baixo no ser das criaturas

---

## **PERANTE A ESTÁTUA DE CAMÕES**

Contemplei o inerte monumento  
Imóvel e em posição de sentido

Como se estivesse olhando dormido  
Senti estremecer o meu sentimento

Vi brilhar uma estrela no firmamento  
Que me veio cochichar ao ouvido:  
— *Ditoso daquele que é perseguido*  
*Pelos invejosos do seu talento*

Apesar do trânsito fazer barulho  
Ouvi palpitar os ternos corações  
Dos pombinhos que no seu arrulho

Cantavam e diziam nas suas canções:  
— *Portugueses tenham sempre orgulho*  
*De serem filhos da Pátria de Camões*

---

## **PREFERI UMA ALDEANA**

Uma vez é a primeira  
Ao mesmo tempo derradeira  
De passar pela mocidade

Mas é tão linda e bela  
Só de se passar por ela  
Deixa eterna saudade

Nunca quis ser dos melhores  
Nem tão pouco dos piores  
O meu passado que o diga  
Fui sempre dos do meio  
Mas nunca tive receio  
De cantar às raparigas

Eu no campo fui criado  
Mourejando atrás do gado  
Morando numa choupana  
Quando cheguei à cidade  
Cheirou-me a podre a mocidade  
Preferi uma aldeana

A mocidade em flor  
É um jardim do amor  
Mesmo que passe não finda  
E foi nesse mesmo jardim  
Que me competiu a mim  
Colher a flor mais linda

Eu jamais acreditava  
Que com os olhos se falava  
Parecia-me um absurdo  
Mas quando ela me olhou  
A boca nada falou  
E os olhos disseram tudo

---

## **OS PASSARINHOS**

Os passarinhos têm tanta beleza  
Tenho inveja de não serem meus  
Mas como ninguém m'os ofereceu  
Vou eu implorá-los à Natureza

Não há-de dizer que não com certeza  
Até sonho que ela já m'os ofereceu  
Ninguém será mais rico do que eu  
Quando usufruir essa riqueza

São as penas que os libertam dos ninhos

E lhes permitem voar à revelia  
Para pousarem alegres nos raminhos

Mas não é voar o que eu queria  
Queria ser como os passarinhos  
Para as penas me darem alegria

---

## **NEGRA SENSÇÃO**

*(Quando era almocreve)*

Para mitigar o cansaço das fadigas  
Sem ter feriados nem fins-de-semana  
Ia dormir com as bestas na cabana  
E outro burro a cantar suas cantigas

Para proteger as migalhas das migas  
Tinha de estar atento às ratazanas  
E outra bicharada ainda mais desumana  
Percevejos pulgas piolhos e formigas

E quando se avizinhava a aurora  
Logo passava a ser proibido dormir  
Indo sacudir os parasitas lá pra fora

Com a negra sensação que tinha de ir  
Ser vítima do sugador que mais devora  
Sem o poder da minha pele sacudir

---

## **O QUERER E O PODER**

Ter só querer ou poder  
Nenhum proveito nos traz  
Quem pode pode não querer  
E quem quer pode não ser capaz

Quem quer é o querente  
E quem pode o poderoso  
Mas quem quer e é valente  
É que pode ser ditoso

Do nascer até à morte

O querente pode querer tudo  
Mas não há poderoso e forte  
Que tenha o poder do mundo

Pra quem quer e tem poder  
Pode-lhe faltar um factor  
Pode-lhe faltar o saber  
Que é o que tem mais valor

Quem pode tem o dever  
De saber pra que lhe serve  
Mas não deve usar o poder  
Para querer o que não deve

Na vida muito importante  
É querer e escrever livros  
Pode morrer num instante  
Que ficará entre os vivos

---

## **A FELICIDADE**

A felicidade apenas é a importância  
Que cada um dá ao seu modo de vida  
A felicidade não pode ser concebida  
Pelo sacrilégio da vil ganância

A felicidade com a injusta abundância  
Não pode de modo algum ser confundida  
Porque da riqueza terrena corrompida  
À felicidade vai enorme distância

Ela só é colhida por quem semeia  
Com bom senso amor puro e ternura  
Sem invejas pelo bem da vida alheia

Não se pode semear à aventura  
Nem tampouco colher à mão cheia  
Pois só cabe na mão vazia que é pura

---

## **MELHOR É NUNCA SER PECADOR**

Tudo quanto Deus faz é com vagar

Tem a eternidade no seu arquivo  
E é mesmo por esse divino motivo  
Que Ele nunca tem pressa em castigar

Deus sempre perdoa a quem perdoar  
Não é rancoroso nem vingativo  
Até ao pecador soberbo e altivo  
Deus tem paixão de o condenar

Sempre nos concede o seu perdão  
E a graça do seu divino amor  
Quando implorados com devoção

Que seja assim ou seja como for  
Não é duvidar mas por sim ou por não  
O melhor é nunca ser pecador

---

## **A MOCIDADE EM MARCHA**

As mulheres mais antigas  
Quando eram raparigas

Nesse tempo eram modernas  
Gostavam de andar escondidas  
Dentro de saias compridas  
Pra não lhes verem as pernas

Mas as suas descendentes  
Ditas mais inteligentes  
Nunca quiseram ser trouxas  
Quiseram trajar à faia  
Arranjaram a mini-saia  
Pra mostrarem bem as coxas

Não usam cabelo comprido  
Nem saia nem vestido  
Preferem casaco e calça  
Para ver se são capazes  
De se confundir com rapazes  
Pra ser maior a desgraça

As moças usam ainda  
Uma coisa muito linda  
Mas não sei como se chama  
São duas coisas bem fôfas  
Parecem duas alcôfas

Para empinarem as mamas

As mulheres nascem iguais  
Depois são os próprios pais  
Que as querem diferenciar  
Para as porem na alta roda  
Inventam toda a moda  
Sem saber o que hão-de usar

---

## **MENTIRAS DO MEU CORAÇÃO**

Ninguém sabe tão bem como eu  
O que é que meu coração sente  
Sente pena por não estar contente  
Com a sorte que sua estrela lhe deu

Todos os corações mentem mas o meu  
Além de saber mentir à outra gente  
Até ao seu próprio dono mente  
Ao dizer-lhe que a harmonia morreu

Quando está irado e com birras  
Que lhe fazem perder tranquilidade  
Descarrega sobre mim as suas iras

Mas não sei onde está a maldade  
Se é nele que prega as mentiras  
Se em mim por não querer a verdade

---

## **DEIXE-SE DE OPINIÕES**

*Deixe-se de opiniões  
Meta a espada na bainha  
Eu não gasto mais munições  
Com caça tão miudinha*

As obras que tem feito  
Há muito quem as conheça  
Por isso meteu na cabeça  
Que era poeta perfeito  
Nunca fez nada de jeito  
Mas quer ter-se nos calções

Tudo isso são ilusões  
Que lhe marcou o destino  
Faça como eu lhe ensino  
*Deixe-se de opiniões*

Há uns tempos mais atrás  
Ainda quando era novo  
Diz-se lá no seu povo  
Que chegou a ser o ás  
Por isso se julgou capaz  
Com a pouca arte que tinha  
De comigo fazer farinha  
Assim de qualquer maneira  
Enrole lá mas é a esteira  
*Meta a espada na bainha*

Eu sempre o conheci  
Com pouca força na curva  
Muita parra e pouca uva  
E mesmo essa é ruim  
Eu que lhe falo assim  
Cá tenho as minhas razões  
Depois de eu lhe dar lições  
Não me agradece nada

Se não apresenta obra mais grada  
*Eu não gasto mais munições*

Agora vá para casa  
Contar à sua Maria  
Que lhe cortei a guia  
E acabou por cair de asa  
Há que puxar a brasa  
Cada qual à sua sardinha  
E eu se puxar à minha  
Só faço o meu dever  
Mas não me posso entreter  
*Com caça tão miudinha*

Nota - Estas décimas foram umas das muitas que tiveram lugar num despique com outro poeta, chamado Pedro Baptista Hilário.

---

## **O SOFRIMENTO HUMANO**

O homem neste mundo turbulento  
É estrela que se ofusca ao nascer

Perde brilho com a luz do alvorecer  
Semelhante às estrelas do firmamento

Nasce logo chorando de arrependimento  
É a coisa que primeiro cá vem fazer  
E gravita às escuras até morrer  
Submerso no abismo do sofrimento

É um astro apagado sem ter dia  
Escurecido moral e mentalmente  
Sofrendo porque sonha só fantasia

Sofre porque não vê nitidamente  
Sofre porque vê o que não devia  
E sofre por aquilo que vê e sente

---

## **A CRIANÇA**

A criança é sublime  
É um fruto do amor  
Não tem pecado nem crime

Enquanto criança for

A criança não é culpada  
Do que o pai ou a mãe faz  
A criança é imaculada  
Até do pecado que traz

A criança de tenra idade  
Não se sente só nem vazia  
Dá-lhe a ingenuidade  
O conforto e companhia

O nascer é uma cena  
E o crescer dá esperança  
Mas uma criança é pena  
Que deixe de ser criança

O crescer até parece  
Que dá valor e formosura  
Mas consoante se cresce  
Vai-se perdendo candura

Que será que justifica  
Crianças ao abandono

Uma coisa que é tão rica  
E é riqueza de dois donos

---

### **A ISENÇÃO DO FINGIMENTO**

Qual será a minha compensação  
Fingindo que minhas penas são leves  
E com elas fazer poemas alegres  
Que me arrancam lágrimas do coração

Lágrimas de alegria ou de paixão  
Para fazer poesia tudo serve  
Mas quanto o poeta não pode nem deve  
É ser fingido e fingir que não

O fingimento é fruto da hipocrisia  
É a acção e um procedimento  
Feitos de caprichos de fantasia

Mas o poeta não tem tal sentimento  
Já que a alma da verdadeira poesia

É a total isenção do fingimento

---

## **QUEM LUTA POR CAUSA ALHEIA**

O mundo está corrompido  
Quem não estiver convencido  
Desfaz-se-lhe a ilusão  
Vendo que em democracia  
Nunca tem a maioria  
Quem luta pela razão

Não é porque me admire  
Quando ouço os cães ganir  
Envolvidos em guerra  
Mas fico surpreendido  
Por ver que o mais mordido  
É quem luta por causa alheia

Pela boca morrem os peixes  
E para que nunca deixes  
Que te matem pela boca

Se alguém ajudares a subir  
Trata de te prevenir  
Que toda a cautela é pouca

Quando ouvires o grito  
De alguém que está aflito  
Não basta só que respondas  
Corre nessa direcção  
Com cinto de salvação  
Não te arrastem as mesmas ondas

---

### **DÁDIVA À CRIANÇA**

Deste à criança a doce candura  
E o merecimento da doce esperança  
Mas misturaste nas entranhas da criança  
Os vírus do amargo com o da doçura

Virose que jamais na vida tem cura  
Onde germina o ódio e a vingança  
Que lhe arrasta a alma pura e mansa

A um martírio que vai à sepultura

Deste-lhe a luz ou clarão do Céu  
E a pureza da sua ingenuidade  
Deste-lhe o sorriso dos anjos teus

Mas à medida que lhe vais dando idade  
Crescem as procelas que o destino deu  
E ofuscas-lhe a divina e pura claridade

---

## **A TERRA ONDE NASCI**

*Da terra onde nasci  
Nunca hei-de dizer mal  
Seja lá como for  
É minha terra natal*

Passou-me pela ideia  
Já que pude escolher o tema  
De fazer este poema  
Dedicado à minha aldeia

Ela pra mim não é feia  
E não fica por aqui  
Foi a terra onde cresci  
E aprendi a trabalhar  
Tenho orgulho em falar  
*Da terra onde nasci*

Sou neto do meu avô  
E sou da Póvoa de Moura  
Valha-me Nossa Senhora  
Que já descobri quem sou  
Mas quem é que me mandou  
Dizer de onde sou natural  
Não devia ter feito tal  
Só agora reconheço  
Da terra que me serviu de berço  
*Nunca hei-de dizer mal*

A Póvoa é uma freguesia  
Que tem à beira o Guadiana  
Uma Estrela alentejana\*  
Que brilha de noite e dia  
Já a minha avó me dizia  
E também o senhor prior

Que devemos ter fé e amor  
E darmos a alma e vida  
Pela nossa terra querida  
*Seja lá conforme for*

Está muito bem situada  
E a igreja é muito linda  
Mas o que não tem ainda  
É água canalizada  
Não é porque seja culpada  
A Câmara Municipal  
É lá do Poder central  
Ou das Finanças locais  
Mas eu não posso dizer mais  
*É minha terra natal*

\* *Estrela alentejana*, refere-se à aldeia da Estrela,  
lugar que faz parte da mesma freguesia.

---

**A MÃE NATUREZA**

Por que deste à criança a luz candente  
Que lhe iluminou a aurora da vida  
Aurora matizada de cor bem linda  
Que lhe foste apagando tão lentamente?

Se és mãe e rainha onipotente  
Do colossal reinado que nunca finda  
Por que é que não ordenaste ainda  
A salvação das almas de tanta gente?

Empresta pelo menos a tua divina luz  
Ao errante que vagueia em maus trilhos  
Aliviando-lhe assim o peso da cruz

Se tudo concebes com imenso brilho  
E o teu encanto todo o mundo seduz  
Por que vendas os olhos do que é teu filho?

---

## **POESIA DE ÁGUA DOCE**

Eu não posso acreditar

Nem desmentir tampouco  
Que todos temos um ar  
De poeta e de louco

A poesia é loucura  
Que nasce de uma crença  
Não é remédio que cura  
Mas alivia a doença

O ódio e a ternura  
Quando juntos em fusão  
Com poesia à mistura  
Dão alegria e paixão

O poeta a versejar  
Não tem fim o seu trabalho  
Porque ele faz um mar  
De qualquer gota de orvalho

O poeta é um vivente  
Que só se encontra feliz  
Quando disser o que sente  
Sem se sentir do que diz

O poeta está ciente  
Que enquanto tiver vida  
Pode ser inteligente  
Mas tem a esperança perdida

Eu sei que vim e que vou  
Sem saber o que me trouxe  
Para vir a ser quem sou  
Um poeta de água doce

---

## **DEVANEIO DO MEU PENSAMENTO**

Sonhei que vi a cintilar no firmamento  
A minha estrela mas foi ilusão  
Sonho que se desfez na imensidão  
E só deixou mágoa dor e tormento

O devaneio do meu pensamento  
Embriagado nessa imaginária visão  
Não sonhou que o teu coração  
Fosse tão duro e tão avarento

A minha alma de golpe fatal ferida  
E pelo fogo do ciúme carbonizada  
Não quer algo mais desta vida

Que é ser da Terra alienada  
E que Deus lhe dê guarida  
Na eterna campa sagrada

---

## Ó LINDA VILA VIÇOSA

*Ó linda Vila Viçosa  
Que linda vila que és  
És uma viçosa roseira  
Onde há rosas com dois pés\**

É nesta vila que vejo  
Organizarem-se as festas  
Em honra dos nossos poetas  
Do Alto e Baixo Alentejo  
Ainda o que mais invejo

Desta terra tão ditosa  
São as florinhas mimosas  
Que passeiam no jardim  
Foi por isso que cá vim  
*Ó linda Vila Viçosa*

Grande sorte foi a minha  
A primeira vez que cá venho  
Onde mais me entretenho  
Assim pela tardinha  
É olhar pràs andorinhas  
Pousadas nas chaminés  
E para as que estão nos cafés  
Sentadas a chilrear  
Brilhando à noite ao luar  
*Que linda vila que és*

Revelas ter qualidade  
No passado remoto e presente  
E agora presentemente  
Já teres capacidade  
De passares de vila a cidade  
Por seres tão hospitaleira  
Tens fama além da fronteira

E albergaste gente real  
Neste jardim que é Portugal  
*És uma viçosa roseira*

És uma fonte de beleza  
Misturada de ternura  
É portanto essa mistura  
Que te dá tanta riqueza  
És a terra portuguesa  
Onde reina a paz e fé  
Nascem ondas e marés  
Nos olhares dos amores  
E és um mar de flores  
*Onde há rosas com dois pés*

\* Este mote foi dado para concurso num Encontro  
de Poesia Popular realizado nesta vila.

---

## **A DÍVIDA**

Ninguém pense que pode ficar devendo

O que a Natureza nos tributou  
Porque quem em vida o não pagou  
Tem que o pagar com juros em morrendo

O tributo que foi sempre crescendo  
Desde que a própria vida começou  
E aos prazos que o credor nos marcou  
Vamos todos sem falta obedecendo

Na derradeira hora da abalada  
Cada um entrega tudo o que tem  
Ficando assim a dívida saldada

Para não ficar devedor a ninguém  
Resta-me devolver a vida ao nada  
Para ficar com o nada também

---

## **OS EX-NAMORADOS**

*Ela:*

Deixaste-me a mim por feia  
Espero que mudes de ideia  
E cases comigo ainda  
É devaneio da mocidade  
Procurar a felicidade  
Na mulher que é mais linda

*E/e:*

A mocidade é atrevida  
Mas é a aurora da vida  
Que raia do coração  
É tentante a formosura  
E o amor a certa altura  
Não resiste à tentação

*E/a:*

Mal vai a quem acredita  
No amor da mulher bonita  
A boniteza é uma isca  
A vaidade que ela sente  
Por ter muito pretendente  
É fácil pisar a risca

*Ele:*

Em duas flores à escolha  
Prefiro a rosa à papoila  
Mesmo a espinhos exposto  
Por ter muito pretendente  
Até me sinto contente  
Terem muitos o meu gosto

*Ela:*

Não gosto de formar enredo  
E também não tenho medo  
De dizer o que contaram  
Pois não gosto de te ver  
Assim entretido a roer  
Ossos que outros deixaram

*Ele:*

São antigos os costumes  
Daquelas que têm ciúmes  
Dizerem mal das rivais

Eu aceito que tu digas  
Mas com essas tuas cantigas  
Estás a ir longe de mais

---

### **DESVENTURADA SINA**

O tempo que me competiu trabalhar  
Foi um tempo amassado pelo Diabo  
Porque me apanhou de cabo a rabo  
A verdasca de Oliveira Salazar

Embora eu não goste muito de falar  
No meu passado obscuro e amargo  
As fases que de mim deram cabo  
Restam para toda a vida as lembrar

Triste e desventurada foi a sina  
De quem passou por essa crise amarga  
Que nos impôs esse ditador sovina

Foi a sina de um jumento de carga

Com um saco servindo de gabardina  
E trabalhando com a fome à ilharga

---

## **AMOR SE FORES À FEIRA**

*Amor se fores à feira  
Traz-me uma prenda galante  
Não tragas nada de ourives  
Um pucarinho é bastante*

Não podes perder um dia  
Pra me vires falar e ver  
E deixas de andar pra correr  
Por festa e romaria  
Se não sou tua simpatia  
Já basta de brincadeira  
Porque uma moça solteira  
Nunca está livre de perigo  
Portanto quero ir contigo  
*Amor se fores à feira*

Não quero que vás sozinho  
Quando vás pra essas bandas  
Quero saber se tu andas  
Por bom ou mau caminho  
Pra lograres o meu carinho  
Não podes ser extravagante  
Portanto se não for avante  
Poder-te fazer companhia  
Não venhas com ninharia  
*Traz-me uma prenda galante*

Diz-me là por que motivo  
Te andas a esquivar de mim  
Ao passo que eu de ti  
Nunca por nada me esquivo  
Eu morro por ti e vivo  
Se tu por mim morres e vives  
É bom que nunca te esquives  
De puxar o cordão à bolsa  
Mas traz-me uma prenda de louça  
*Não tragas nada de ourives*

Quem faz conversa desta  
Sabe dizer o que sente

Se gostas de me ver contente  
Leva-me contigo à festa  
Assim qualquer prenda modesta  
Para mim é importante  
Não quero pérola nem diamante  
Quero que me olhes com ternura  
E para eu beber ventura  
*Um pucarinho é bastante*

Nota: Mote dado pela Câmara Municipal de Estremoz para um concurso de poesia popular. Trata-se de uma quadra do poeta António Sardinha.

---

## **A MORTE**

A morte pela sua rectidão é temida  
E acusada de devorar o bem da sorte  
Mas se não fosse o socorro da morte  
O que seria dos enfeitados da vida

É desses que ela nunca está esquecida  
E é com o seu punho rígido e forte

Que firme lhes assina o passaporte  
E os deporta para além da que é fingida

A morte por sua vez não rouba nada  
Mas não atende rogos nem faz escolha  
Por ser recta e desinteressada

Nem a pequenos nem a grandes olha  
Porque a vida só é emprestada  
E ela vem somente fazer a recolha

---

## **NADA TEM DIREITO À FOME**

Uma abelha me veio picar  
Na minha própria vinha  
Porque lhe andava a tirar  
A uva que era minha

Os insectos e animais  
Sempre tratei com carinho  
Mas achei que era demais

E dei-lhe um sopapinho

Ela abalou voando  
Queixando-se do nariz  
Eu fiquei choramingando  
Pela brutalidade que fiz

A mim próprio me pergunto  
Qual o acto mais cruel  
O delas que comem o fruto  
Ou o de quem lhes tira o mel

Para se poder viver  
Todo o ser vivente come  
Tudo tem direito a comer  
E nada tem direito à fome

---

## **O VIVER IMPECÁVEL**

A vida no campo é doce bela e linda  
Os poetas da flora são os passarinhos

Que cantam alegres à beira dos caminhos  
A doce melodia que nunca finda

Cantam em verso as penas da sua vida  
Mas dizem lá para eles e baixinho  
Que para construírem poemas e ninhos  
Precisavam de mais penas ainda

Os lindos passarinhos e o arvoredor  
Unidos pelo amor do próprio destino  
Vivem em comum e amam-se em segredo

É nesse amor fraterno e genuíno  
Que vivem felizes e sem medo  
No campo seu paraíso divino

---

## **NÃO ANDES MUITO APRESSADA**

*Não andes muito apressada  
Ainda és muito juvenzinha  
Deixa-te estar sossegada*

*Não te faças vairadinha\**

Vou correr a minha sina  
Não te aflijas com isso  
Eu vou à feira em serviço  
Não é o que tu imaginas  
É serviço de rotina  
Tu não vais lá fazer nada  
Mas não fiques magoada  
Meu bem que isso é loucura  
Quem vai devagar atura  
*Não andes muito apressada*

Não te esqueço um só momento  
Acredita meu amor  
Vá eu para onde for  
Levo-te no pensamento  
E lá chegará o tempo  
Um dia quando fores minha  
Hei-de fazer-te rainha  
De todas as mulheres  
Mas agora o que tu queres  
*Ainda és muito juvenzinha*

Não te quero ver chorar  
Faz-me pena o teu choro  
Se não queres prendas de ouro  
Não te precisas zangar  
Quando da feira eu voltar  
Às tantas da madrugada  
E de noite pela calada  
Há-se ser um céu aberto  
O pucarinho tens certo  
*Deixa-te estar sossegada*

Galante é o teu olhar  
Quando o cruzas com o meu  
Quem bebe ventura sou eu  
Dos teus lábios beijar  
O teu peito é um altar  
Albergue de uma santinha  
Tens coração de pombinha  
És bela por natureza  
Mas por teres tanta beleza  
*Não te faças vairadinha\*\**

\* Mote e glosas em resposta ao anterior, *Amor se Fores à Feira*.

\*\**Vairadinha*: termo regional sinónimo de frívola, leviana (abreviado de *desvairadinha*).

---

## **A DIMENSÃO DA MENTIRA**

Há no mundo tanta verdade escondida  
Trabalhando ao serviço da traição  
Semeando a semente da maldição  
Em troca de privilégios desta vida

A dimensão da mentira é desmedida  
Na política e até na religião  
E são aqueles que têm mais instrução  
Que apregoam a verdade invertida

Os segredos que permanecem guardados  
Cada qual trata de guardar os seus  
Aumenta o número dos seus pecados

Esquecendo-se que os crimes que cometeu  
Têm sempre e todos que ser revelados  
Perante a divina presença de Deus

---

## **CHORA E PARECE QUE CANTA**

Começa ao romper do dia  
A cantar a cotovia  
Canta até ao pôr do sol  
E até de madrugada  
Cantam à desgarrada  
O melro e o rouxinol

Mas quem não tem liberdade  
De cantar não tem vontade  
A prisão é um martírio  
O passarinho chilreia  
Às grades duma cadeia  
Não é cantar é um delírio

Há muita gente que ignora  
Que o passarinho chora  
Com música na garganta  
E é por esse motivo  
Que o passarinho cativo

Chora e parece que canta

---

## **AO SOL**

Ó sol que amaduras o fruto e semente  
Alimentas a Primavera para dar flor  
E dás à aurora o brilho do teu valor  
Que é a tua mensageira permanente

O teu poder infinito e resplandecente  
Inunda todo o mundo de fulgor  
Para que com o teu divino calor  
Se aqueça e ilumine toda a gente

Mas se tu não fosses por inteiro  
Inabalável correcto e pio  
Já o homem como interesseiro

Te teria usurpado o poderio  
Para aquecer alguns que têm dinheiro  
E o resto vivia nas trevas e com frio

---

## QUERO E NÃO POSSO ESQUECER-TE

*Quero e não posso esquecer-te  
Devo odiar-te mas não quero  
Sinto perder-me ao perder-te  
Não tenho esperança mas espero*

Invadiu-me esta paixão  
Naquela tarde de Agosto  
Quando olhei para o teu rosto  
Que tu olhaste para o chão  
Disse-me o meu coração  
Que tu me correspondeste  
Bem sei que em casos destes  
Pode haver mal entendido  
Mas já não me saís do sentido  
*Quero e não posso esquecer-te*

Levo as noites inteirinhas  
Mesmo a dormir suspirando

Sempre contigo sonhando  
Sonhando que já és minha  
Também sonhava que tinha  
Teu amor puro e sincero  
Sonho que ficou em zero  
E só deixou mágoa e dor  
Já que não me tens amor  
*Devo odiar-te mas não quero*

Cheguei a ter a sensação  
Quando me olhaste com ternura  
Navegar num mar de ventura  
Com o vento de feição  
Agora que vejo que não  
Embora me custe dizer-te  
Naufraguei ao conhecer-te  
Nas ondas da amargura  
É mal que já não tem cura  
*Sinto perder-me ao perder-te*

Sabemos que o homem também  
Quando convence a mulher  
Namora e faz o que quer  
E só casa se lhe convém

Por isso me mostras desdém  
Mas eu é que não desespero  
Porque tudo considero  
E tenho alguma confiança  
Que quem espera sempre alcança  
*Não tenho esperança mas espero*

Nota: O mote foi de um Concurso e Encontro de Poesia Popular  
em Vila Viçosa, em 1982.

---

## **A CLASTOMANIA ANIMAL**

O dogma da Sagrada Escritura  
Revela o determinismo e preceito  
Com que tudo neste mundo foi feito  
Além da arquipotente arquitectura

À medida que progride a cultura  
Progride o dissídio e o defeito  
Que vêm produzindo o seu efeito  
Minando o pundonor e a candura

O gnomo pôs cada um no seu lugar  
Os reinos formados pela natureza  
Apoiados e à mercê do mineral

Onde vegeta a vida e a grandeza  
Se não fosse a clastomania do animal  
Seria este mundo uma beleza

---

### **ALGUNS ANIMAIS**

Os lobos e outras feras  
Ursos macacos panteras  
Juntam-se em alcateias  
Invadindo as cidades  
E fazem ferocidades  
Nas vilas e nas aldeias

Há lobos em todos os povos  
Há macacos velhos e novos  
E ursos em forma de gente

O que há menos são pessoas  
Que tenham qualidades boas  
Como havia antigamente

Mas mais dia menos dia  
Vai haver montaria  
Tudo lhes vai saber a fel  
Não é pra voltarem à selva  
Mas pelo caminho que leva  
Têm que mudar de pele

Há muitos mas não são todos  
Que continuam a ser lobos  
Disfarçados de outras cores  
São os falsos e matreiros  
Disfarçados de cordeiros  
Pra iludir os batedores

O lobo pensa na matança  
O urso esse faz que dança  
Não deixam dormir nem dormem  
O macaco faz macacada  
E toda essa bicharada  
Ao longe lembra o homem

---

## **AS COISAS SÃO COMO SÃO**

A minha maneira de pensar e sentir  
Deixo-as neste livro bem expresso  
Para serem ditas e cantadas em verso  
Por dezedores e fadistas que hão-de vir

Só esses é que poderão permitir  
Que meus sentimentos tenham sucesso  
Porque agora pouco ou nada mereço  
Para quantos não ajudo a mentir

Sinto que o fingimento é traição  
E uma vil maneira de enganar  
E espezinha a verdade e a razão

Para que havemos de nos sofismar  
Se as coisas são mesmo como são  
E não como se fingem mostrar

---

## SE ME TRAZES NO SENTIDO

*Se me trazes no sentido  
Desde que para mim olhaste  
Não consideres perdido  
O terreno que conquistaste*

Causa-me pena e medo  
Ouvir-te falar assim  
Se gostas tanto de mim  
Por que guardaste segredo  
Se tens falado mais cedo  
Não me tinha comprometido  
O adivinhar é proibido  
E eu não podia saber  
Terás que me esquecer  
*Se me trazes no sentido*

Olhámo-nos nessa tarde  
Ambos com ar de felizes

Agora pelo que dizes  
Perdeste a felicidade  
Mas se é que me tens amizade  
E por mim te apaixonaste  
Agora depois que falaste  
Eu não sei se é paixão  
Que sinto no meu coração  
*Desde que para mim olhaste*

Pra te dizer a verdade  
Se isto assim continua  
Ainda é maior que a tua  
A minha dificuldade  
Não me posso fazer em metade  
Porque um coração repartido  
Não é firme como é devido  
Dá-me tempo para pensar  
E o tempo que se esperar  
*Não consideres perdido*

Se tu não me queres odiar  
Eu também não te odeio  
Mas confesso que receio  
Dar ao mundo que falar

Se eu pudesse confirmar  
Que realmente tu sonhaste  
Com aquilo que me contaste  
Podia-te dar a palavra  
Que jamais alguém usurpava  
*O terreno que conquistaste*

Nota: Mote e glosas em resposta aos intitulados  
*Quero e Não Posso Esquecer-te.*

---

## **O DINHEIRO**

Sempre que mexas embora pouco  
No dinheiro com a própria mão  
Deves lavá-la com água e sabão  
Porque o dinheiro é sórdido e porco

Isto quando o recebes em troco  
De honrados feitos ou remuneração  
Mas se o adquires por corrupção  
Lava a consciência alma e corpo

O dinheiro é matéria e droga  
Mas é a riqueza dos egoístas  
A única que o avarento advoga

Forja falsários e falperristas  
Mas em vez de lavar afoga  
A alma danada desses artistas



## **JÁ NÃO TENHO PAIXÕES**

Quando nasce uma paixão  
Com raízes no coração  
Vai crescendo lentamente  
É regada pela tortura  
E só morre na sepultura  
Quando matar a gente

A esperança que se sonha  
É uma paixão risonha  
Paixão que cabe na vida

E quando não cabe transborda  
Mas a que mais incomoda  
É a esperança perdida

Quando se quer alcançar  
Onde não se pode chegar  
A força da criatura  
Provoca emulação  
Se for uma paixão  
Com invejas à mistura

A paixão que o poeta sente  
Não é a da outra gente  
E lá tem suas razões  
Um poema é alegria  
Mesmo que a poesia  
Seja feita de paixões

Embora seja possível  
Tornar-se transmissível  
O realismo à paixão  
Pra que se há-de transmitir  
Se a paixão não quer ouvir  
O que lhe transmite a razão

A paixão é uma luz  
Sombreada pela cruz  
Calvário dum coração  
É da alma uma dor  
Mas se for paixão de amor  
Aclara a escuridão

Há paixões por muitos cantos  
Causando alegrias e prantos  
E aos poetas inspirações  
Eu com franqueza confesso  
Queria fazer mais versos  
Mas já não tenho paixões

---

## **AS PROFECIAS DOS POETAS**

Embora queira não posso ter sucesso  
Na expressão do meu sentimento  
Sinto escassear-me o argumento  
Tanto faz em prosa como em verso

Os poetas são como oásis dispersos  
Neste vasto deserto peçonhento  
Onde fantasiam no seu pensamento  
O esconso mistério dos universos

Os mandamentos ditados pelo Messias  
São esses que continuam mandando  
A própria essência das poesias

Mandam que os poetas morram cantando  
Versos feitos com aquelas poesias  
Que eles profetizam e vêm sonhando

---

## **ESTÁ A CHEGAR-TE O DIA**

*Está a chegar-te o dia  
Diz a Estrela para a Póvoa  
Ou largas a Freguesia  
Se não levas uma sova*

Eu sou a Estrela do céu  
Tu és a Póvoa da terra  
Não te quero fazer guerra  
Mas quero aquilo que é meu  
Quem te diz isto sou eu  
Tens de perder a mania  
Se fosse por tua via  
Não me davas independência  
Mas agora tem paciência  
*Está a chegar-te o dia*

Faço um regedor novo  
Para que haja autoridade  
Há-se ser escolhido à vontade  
De toda a gente do povo  
Tu é que me fazias estorvo  
Mas hoje ninguém me estorva  
Faço uma estrada nova  
Que vá ligar a Beja  
E tu ficas com inveja  
*Diz a Estrela para a Póvoa*

Se algum não acredita  
Afinal que isto assim seja

Olhem prà minha igreja  
Que é muito mais bonita  
Sou Estrela tenho a dita  
De ter muito mais valia  
E já que tenho a regalia  
A Póvoa agora não escapa  
Ou desapareces do mapa  
*Ou largas a Freguesia*

Os habitantes que faltam pra mil  
Tudo isso ficou escrito  
Lá na sede do distrito  
Perante o Governo Civil  
Vai ser no mês de Abril  
Que tudo é posto em prova  
Faço extrema pela cova  
Do barranco do baldio  
E não podes dizer nem pio  
*Senão levas uma sova*

Nota: A Estrela é um lugar da Freguesia da Póvoa de São Miguel  
que fica distanciada alguns quilómetros da Póvoa.

## O SACRILÉGIO DA INQUISIÇÃO

Jesus Cristo é que foi o portador  
Da celestial mensagem divina  
Que nos ditou com voz doce e cristalina  
Os mandamentos do Santíssimo Redentor

Sofreu por nós tormentos e dor  
Para nos dar exemplo da sua doutrina  
Aquele filosofia que nos ensina  
A render o culto de Latria por amor

Terminado o seu sacrifício  
Deu-se o fenómeno da ascensão  
E ficou o clero com esse compromisso

Mas este corroído pela ambição  
Inventou em nome do Santo Ofício  
O sacrilégio da brutal Inquisição

---

## Ó ESTRELA QUE ESTÁS TÃO ALTA

*Ó Estrela que estás tão alta  
A luzir no firmamento  
Não tens o que te faz falta  
Pra que queres o rendimento*

Bem sei que ainda és pequena  
Mas já podias ter juízo  
Mas enfim o que é preciso  
É que nunca tenhas pena  
Se praticares essa cena  
Só pra seres rica e farta  
Deixas de ser democrata  
E fazes uma má figura  
Em queres subir mais altura  
*Ó Estrela que estás tão alta*

Devias ser mais paciente  
E não deves ter ilusões  
Vê que não tens condições  
De seres independente  
Vais levar a tua gente

Com esse procedimento  
A um terrível sofrimento  
Que nunca mais deve ter cura  
Só és vista em noite escura  
*A luzir no firmamento*

Falas-me do mau agoiro  
Ao ofereceres-me porrada  
Se te não der a Coutada  
Incluindo o lavadouro  
Tinhas um coração de ouro  
Agora és maligna à farta  
Vai para o raio que te parta  
Mais as tuas conversas  
Pois se dizes coisas dessas  
*Não tens o que te faz falta*

Diz-me lá por que razão  
Tens uma igreja tão linda  
E não lhe arranjaste ainda  
Um simples sacristão  
Disseste-me tu então  
Que eu te estorvo o andamento  
Dá isso o pressentimento

Que estás na era primitiva  
Se não tens iniciativa  
*Pra que queres o rendimento*

Nota: Este mote e décimas são uma resposta às intituladas  
*Está a Chegar-te o Dia*

---

## **O ÚNICO CAMPO QUE TEM CAMPAS**

Campo-Santo campo de toda a gente  
Bairro da verdadeira comunidade  
Onde se alberga toda a humanidade  
Em paz absoluta e sossego permanente

Onde não existe fraco nem valente  
Mas sim o espírito e a verdade  
Até no próprio nome há igualdade  
Embora a morada seja diferente

Para vedar os habitáculos do barulho  
Uns são fechados por fora com tampas

E outros são arrasados com entulho

Mas nenhum dos habitantes leva lampas  
Só o Campo-Santo pode ter orgulho  
De ser o único campo que tem campas

---

## **OS PAUPÉRRIMOS**

Desgraçado daquele pobre  
Que tarde ou nunca descobre  
Donde lhe vem a pobreza  
Se não houver quem lhe acuda  
Se mais pobre mais ajuda  
A fomentar a riqueza

Começa logo em pequenino  
A não ter acesso ao ensino  
E além de pisar escolhos  
É amarrado pelo verdugo  
Com as correias ao jugo  
E põe-lhe vendas nos olhos

A pobreza foi construída  
Foi e será toda a vida  
Pelos pobres de natureza  
Que quanto mais têm mais querem  
E quantos mais pobres fizeram  
Mais ricos são de certeza

O avaro opulento  
Não avalia o tormento  
Que produz a avareza  
E julga-se inteligente  
Porque não vê nem sente  
O mal dessa esperteza

Ao nascer-se os cabedais  
São para todos iguais  
Depois tudo o que fizemos  
Ande-se por onde se andar  
Todos temos que acabar  
Tão pobres como viemos

Se a alma é imortal  
E a fortuna paixão carnal

Porquê querer o que emperra  
Será que vale a pena  
Pra ter fartura terrena  
Trazermos a alma em guerra

A grandeza divina  
Faz a riqueza franzina  
E se ainda há descrentes  
Que não queiram crer nisto  
Olhem como Jesus Cristo  
Viveu entre as gentes

Antes pobre como Lázaro  
Do que rico e avaro  
Será cego surdo e mudo  
Aquele que não descobre  
Que faltando muito ao pobre  
Ao avaro falta tudo

Agora por minha vez  
Pra falar mais português  
Já por aqui me fico  
Esperando que alguém me diga  
Qual é o que mais mendiga

Se o pobre se o rico

---

## **À MORTE**

Não te escondas que eu já te vi  
Não é preciso vires lentamente  
Quando vieres vem logo de repente  
Porque eu não me escondo de ti

Para tu me lebares é que eu nasci  
Vou contigo incondicionalmente  
Se é a existência que te faz frente  
Nunca fui eu que me escondi

Ainda te não conheço por agora  
Não sei se és bonita ou se és feia  
Mas sei que tu vens a qualquer hora

Qual o dia é que não faço ideia  
Mas também sei que não te demoras  
Porque estou a sentir que me rodeias

---

## O QUE OS HOMENS TÊM FEITO

*O que os homens têm feito  
Não vem a ser nada afinal  
Nada disto tem proveito  
Que se considere natural*

Com o decorrer do tempo  
E a sua evolução  
Há-de chegar a conclusão  
Do que pode vir num momento  
Tenho esse pressentimento  
A invadir o meu peito  
Que o caminho vai direito  
A um grande cataclismo  
Que pode afundar no abismo  
*O que os homens têm feito*

Foi a própria natureza  
Que pôs tudo a trabalhar

Pôs tudo no seu lugar  
Com solidez e firmeza  
Tudo com tanta beleza  
Que mais ninguém fez igual  
O homem lá bem ou mal  
Tem feito a sua construção  
O que em regra de proporção  
*Não vem a ser nada afinal*

Há grande possibilidade  
Está mesmo na iminência  
De ser a própria ciência  
O fim da Humanidade  
Seja mais cedo ou mais tarde  
Este ajuste tem de ser feito  
Não fazem carreiro direito  
Pois com tanta invenção  
Provocam a transformação  
*Nada disto tem proveito*

Há uns que são feiticeiros  
Outros são virtuosos  
Mas há muitos mentirosos  
E bem poucos verdadeiros

Gabam-se que são herdeiros  
De uma herança colossal  
Que é o mistério celestial  
Que está na Escritura Sagrada  
Mas nisto tudo não há nada  
*Que se considere natural*

---

## **DESEJO DO ALÉM**

A vida neste mundo é curta e pobre  
E não abre exceções para ninguém  
E a ninguém chega o que da Terra lhe vem  
Embora tudo o que há na Terra lhe sobre

Mas o vivente tarde ou nunca descobre  
Que a ânsia que nesta vida tem  
Não passa de desejo ardente do Além  
E do mistério que este lhe encobre

Desvendar esse mistério nesta vida  
Não foi e não será a ninguém permitido

Depois desta ganha ou antes perdida

Porque o poder divino desmedido

Decretou esta universal medida

De não descer à Terra o sexto sentido

---

## **SEXTILHAS VARIADAS**

O coração da criança

Repleto de boa esperança

Onde a vida é bondade

Quando não sabe falar

Diz-nos com o seu olhar

Que não conhece a maldade

Defende a tua política

Fundamenta a tua critica

Mas pratica o altruísmo

Porque a Humanidade

Tem essa necessidade

Pra se salvar do abismo

Quem se suja só por for a  
Lava-se a qualquer hora  
E limpa-se num momento  
Porém o que é mais grave  
É não haver água que lave  
Quem esteja sujo por dentro

Combate a tua inveja  
Não consintas que esteja  
A roer o teu destino  
E podes ter a certeza  
Quem mata em sua defesa  
Nunca é um assassino

No que nos ensinam em meninos  
Quando somos pequeninos  
Não parece estar certo  
Ensinam-nos a andar  
Ao mesmo tempo a falar  
E a estar calados e quietos

A vida é uma peleja  
Movida pela inveja

Mas tem as suas razões  
Porque para o seu humano  
Este mundo é pequeno  
Para as suas ambições

O destino nada esquece  
Dizem dar o que se merece  
Mas foge às normas legais  
Eu sei que nada mereço  
Mas alguns que eu conheço  
Até o nada é demais

Pensa a Humanidade  
Atingir a verdade  
Mas não aplica a ciência  
Que nos pode fazer felizes  
Que era cortar as raízes  
Ao peso da consciência

A verdade não admira  
Mas quem inventa a mentira  
Tem mais habilidade  
Por isso os mentirosos  
Só se sentem orgulhosos

Quando fogem à verdade

A ausência pôs um processo  
Ao seu amante regresso  
Se bem que lhe tenha amizade  
Nem por isso o perdoou  
Porque foi quem lhe matou  
A sua filha saudade

Nunca vendas a riqueza  
Que te deu a Natureza  
Repara toma sentido  
Qualquer coisa que se venda  
Por muito que isso renda  
Quem vende fica vendido

Quem diz só meia verdade  
E guarda a outra metade  
Pra fazer fogo certo  
Em prol dos seus interesses  
São precisamente esses  
Os falsos de corpo inteiro

Nunca meças o artista

Logo à primeira vista  
Podes cair no engano  
Que nos traz a aparência  
Espera com paciência  
Até ao correr do pano

Quando em qualquer discussão  
Vejas que perdes razão  
Não continues fingindo  
Deves ser compreensivo  
Para que não dês motivo  
A que outros fiquem rindo

Foi inventada sonhando  
E ao mesmo tempo chorando  
A palavra liberdade  
Quem a não tem implora-a  
Sonha com ela e chora  
A sua infelicidade

---

## QUADRAS SOLTAS

Paga a quem te faz bem  
Mas pra seres bom pagador  
A quem te faz mal também  
Lhe deves pagar com amor

Nem no rio nem no mar  
Há água em quantidade  
Que chegue para afogar  
A cortiça e a verdade

Não existe só no pobre  
A miséria deplorável  
Há quem tenha que lhe sobre  
E também é miserável

Nunca o faças à toa  
Se votares em alguém  
E não meças a pessoa  
Pela política que tem

Hoje em dia o ladrão  
Já tem a facilidade

De pagar contribuição  
Para roubar à vontade

Quem compra para tornar  
A vender logo outra vez  
Logo pensa em enganar  
Pelo menos dois ou três

A planta no seu estado  
De repouso ou florida  
É um ser sublimado  
Que morre para dar vida

Se uma planta pudesse  
Diria o que lhe dói  
Quando ajuda e obedece  
Ao malvado que a destrói

A desconfiança é feita  
De reflexos do temor  
Quem desconfia suspeita  
E quem teme é devedor

À luz da realidade

Desconfiar não admira  
Mas desconfiar da verdade  
É confiar na mentira

Toda a mulher que se pinta  
É porque não sabe ainda  
Que não é à base de tinta  
Que a mulher é mais linda

O homem sabe contar  
Mas não sabe nem aprendeu  
O suficiente pra dar  
As contas certas a Deus

Não fiques arrependido  
De fazer qualquer favor  
O favor não é devido  
Mas faz sempre um devedor

É toda a vida ladrão  
Quem rouba uma só vez  
Quem faz disso profissão  
De ladrão passa a burguês

Em quem o saber não cabe  
Quem pergunta não ofende  
Aprendendo é que se sabe  
E sabendo mais se aprende

O homem tem a certeza  
Que o peso é atracção  
Mas não sabe quanto pesa  
Com os pés firmes no chão

Nunca recebas por mal  
Quem te for ao contrário  
O amigo pra ser leal  
Tem que ser adversário

Da vida não levam nada  
Os donos da opulência  
Só a alma esmagada  
Do peso da consciência

O homem podia saber  
O que sabe e ainda mais  
Se soubesse aprender  
Com o resto dos animais

A lisonja é capa alheia  
Que ao mendaz faz muito jeito  
Porque a usa com ideia  
De encobrir algum defeito

Encontram-se a cada passo  
Amigos bons e leais  
Mas amigos maus e falsos  
Ainda se encontram mais

A glória cá na Terra  
É atribuída a quem  
Tenha vencido a guerra  
Como se tal fosse um bem

Aprenda-se até morrer  
Que o saber é coisa linda  
Mas ninguém pode saber  
O que pode aprender ainda

Quem sabe é erudito  
Quem não sabe inocente  
Quem sabe vive aflito

E quem não sabe contente

O gatuno bem precisa  
Dum ainda mais canalha  
Aquele que o autoriza  
A roubar a quem trabalha

O homem será esperto  
E muito inteligente  
Mas nunca sabe ao certo  
O tempo que tem na frente

Através de aparelhagem  
Sondam as estrelas do céu  
De que serve essa sondagem  
Sem se ver o apogeu?

Dizer-se o que não deve  
Aquele que o disser  
Será porque se atreve  
A ouvir o que não quer

Tem dó de quem padece  
Dá-lhe carinho e conforto

Pois quanto lhe acontece  
Acontece a qualquer outro

Toda a nossa esperteza  
Perspicácia e finura  
Nunca nos dá a certeza  
Do tempo que a vida dura

Promete só o que é justo  
Pra não seres aborrecido  
Nem pagares a teu custo  
O que não é permitido

Fazer um sacrifício  
É comprar dignidade  
Aceitar um benefício  
É vender a liberdade

A moral e o respeito  
Têm o seu real valor  
Não encobrem o defeito  
Mas propagam o amor

De burros e impostores

É o que há mais fartura  
Dos que estudam pra doutores  
Sai muita cavalgada

Ainda ninguém nasceu  
Nesta vida amestrado  
Quem sabe tudo aprendeu  
A seu custo ou ensinado

A verdade é geradora  
De ódio e má vontade  
Mas é sempre vencedora  
A espada da verdade

Tanto que há pra fazer  
E tantos braços parados  
E olhos abertos pra ver  
O visto de olhos fechados

Quem me dera ter a dita  
De ter o que mais invejo  
Ter uma fala bonita  
Pra cantar ao meu desejo

Ninguém gosta de prisão  
Nem de cair em laços  
Mas gosta o meu coração  
De cair nos teus braços

A tristeza é tempestade  
Que pode durar toda a vida  
A nostalgia é saudade  
Duma alegria perdida

Nada estranha que o cão ladre  
Quando algum perigo fareja  
O que admira é o padre  
Pôr pára-raios na igreja

Há aspectos de vagabundo  
E ares de pouco afecto  
Os enganadores do mundo  
São os maus de bom aspecto

Se vires alguém sofrer  
Não espaires alegria  
Pois ninguém pode saber  
Quanto pode vir um dia

A Primavera dá flores  
Não creio que seja assim  
A Primavera é dos amores  
E as flores são do jardim

Não precipites decisões  
Pois depois de decidido  
Podem vir desilusões  
E ficares arrependido

Quem pode tem o poder  
De querer grado e miúdo  
Pois tudo se pode querer  
Só não pode querer-se tudo

Os cães não são de fiar  
Esses que abanam a cauda  
Pior os que em vez de ladrar  
Mordem à boca fechada

Não podes ter confiança  
No saber que te cabe  
Pois ninguém contrabalança

O imenso que não sabe

Dá valor a quem o tem  
É valor que Deus lhe deu  
Não o tires a ninguém  
Se não queres perder o teu

É vil e monstruoso  
O defeito da maldade  
Mas não há defeituoso  
De sua livre vontade

Em nada se justifica  
Esperar-se coisa boa  
De qualquer pessoa rica  
Se não for rica pessoa

Contenta-te ver ao perto  
E não alimentes esperança  
De poderes saber ao certo  
O que a vista não alcança

Sinto pena e não remorso  
Se pudesse melhor fazia

Mas como não sei não posso  
Fazer melhor poesia

Vim do nada a este mundo  
E nunca do nada passei  
E é o nada no fundo  
Quanto cá eu deixarei

---

## ÍNDICE

Nota Introdutória

A Minha Biografia

A Minha Oferta

Poderes Soberanos

Tenho Pena de Saber

A Lei

Quando o Olhar Transmite Ternura

Qualquer Poeta É Doutor

Cães Que Caçam na Estrada

O Conforto que Me Dá a Poesia

Um Limão Criado à Míngua

O Bem com o Mal se Cruza  
Não Minto quando Desminto  
Na Vaidade  
Desde que no Mundo Há Poetas  
Herói Desmedido  
Aprender até Morrer  
Luz Bendita  
Chaga Que não Cura  
A Solidão  
A Janela dos Nossos Horizontes

Perante a Estátua de Camões  
Preferi Uma Aldeana  
Os Passarinhos  
Negra Sensação  
O Querer e o Poder  
A Felicidade  
Melhor É Nunca Ser Pecador  
A Mocidade em Marcha  
Mentiras do Meu Coração  
Deixe-se de Opiniões

O Sofrimento Humano  
A Criança  
A Isenção do Fingimento  
Quem Luta por Causa Alheia  
Dádiva à Criança  
A Terra onde Nasci  
A Mãe Natureza  
Devaneio do Meu Pensamento  
Ó Linda Vila Viçosa  
A Dívida

Os Ex-Namorados  
Desventurada Sina  
Amor se Fores à Feira  
A Morte  
Nada Tem Direito à Fome  
O Viver Impecável  
Não Andes muito Apressada  
A Dimensão da Mentira  
Chora e Parece que Canta  
Ao Sol

Quero e não Posso Esquecer-Te  
A Clastomania Animal

Alguns Animais  
As Coisas São como São  
Se Me Trazes no Sentido  
O Dinheiro  
Já não Tenho Paixões  
As Profecias dos Poetas  
Está a Chegar-Te o Dia  
O Sacrilégio da Inquisição

Ó Estrela Que Estás tão Alta  
O Único Campo Que Tem Campas  
Os Paupérrimos  
À Morte  
O Que os Homens Têm Feito  
Desejo do Além  
Sextilhas Variadas  
Quadras Soltas